

PERIGO > Com a queda da proteção, colégio serve de passagem de rua

Escola vira atalho para morador

Jornal da Tarde
BARBARA SOUZA
barbara.souza@grupoestado.com.br

201 21 2008 p.8 A

A Escola Estadual Hermano Ribeiro da Silva, que atende estudantes do ensino fundamental, virou um atalho entre duas ruas do Jardim Miriam, no extremo da Zona Sul da Capital. Dia e noite, pedestres e alunos se valem de uma trilha aberta no meio do terreno da escola para ir de um lado a outro, há cerca de 15 anos, segundo moradores.

O muro que separa a área da Hermano Ribeiro de um campo de futebol vive sendo quebrado para abrir passagem. Como os portões desse campo permanecem abertos, nada impede que qualquer pessoa chegue à "rua" improvisada.

A Secretaria Estadual de Educação informou que tanto o portão que dá acesso ao estacionamento dos professores quanto o muro foram consertados sete vezes nos últimos três anos e que eles serão reparados novamente.

Mesmo com a abertura no muro, não é possível entrar nas salas de aula ou pátio da escola, que permanecem trancados. "Acho errado, porque entra todo mundo ali. Tem dia que as aulas de educação física são interrompidas porque tem gente de fora discutindo com professor ou usando droga na quadra", disse um morador, que pediu para não ser identificado. A direção da escola deve convocar uma reunião com a comunidade para pedir que os moradores respeitem a nova reforma.

Indicadores

O Jardim Miriam pertence à Subprefeitura de Cidade Ademar. Indicadores sociais de 2006 apontaram que 6,32% dos moradores da região com 16 anos ou mais são analfabetos. O distrito, que tem 392.331 habitantes, sofre também com a alta ta-



Caminho da escola Hermano Ribeiro da Silva, na Rua Sebastião Afonso

Tem dia que as aulas de educação física são interrompidas por que tem gente de fora discutindo com o professor ou usando droga na quadra."

MORADORA
QUE PREFERIU NÃO SE IDENTIFICAR

xa de homicídios entre jovens do sexo masculino – em 2006, o índice foi de 84,22 rapazes assassinados com idades entre 15 e 29 anos. A taxa de reprovação entre estudantes do ensino médio também é alta: ficou em 20,84% em 2005.

"Esse é o retrato do descaso das autoridades, mas também da passi-

vidade dessa comunidade, que não briga pelas melhorias na escola", diz a educadora Silvia Collelo, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

O avô de uma menina matriculada na 1ª série do ensino fundamental explica a razão da passividade dos moradores: "Aqui, existem as pessoas boas e as ruins. Dependendo com quem e o que você fala, as coisas podem ficar complicadas."

Para Silvia, o muro quebrado aponta um duplo problema nessa escola: a falta de segurança e as complicações no processo pedagógico. "Faz parte da aprendizagem que a criança perceba a escola como um limite diferente do que existe na sua casa, e esse limite tem de ser respeitado como tal", explica a educadora.

CAROL GUIDES/AE